

Entrevista

SPATIAL HISTORY E HUMANIDADES DIGITAIS, UMA ENTREVISTA COM O BRASILIANISTA ZEPHYR FRANK*

Interview

SPATIAL HISTORY AND DIGITAL HUMANITIES, AN INTERVIEW WITH BRAZILIANIST ZEPHYR FRANK

Frederico FREITAS**

Resumo: Entrevista com Zephyr Frank, diretor do *Spatial History Project* (Projeto de História Espacial) e do *Center for Spatial and Textual Analysis* (Centro de Análise Espacial e Textual) da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, sobre *spatial history* e outras linhas de pesquisa englobadas sob o rótulo das humanidades digitais. A discussão toca o tema do uso de novos métodos digitais como o SIG histórico, a leitura à distância e a análise de redes sociais na pesquisa em humanidades, questionando os limites e as possibilidades de tais ferramentas. Por fim, discute-se sobre o investimento institucional e financeiro necessário para a implementação dessas novas tecnologias de pesquisa.

Palavras-chave: *Spatial History* – Humanidades Digitais – Redes Sociais – Leitura à Distância.

Abstract: An interview with Zephyr Frank, director of both the Spatial History Project and the Center for Spatial and Textual Analysis at Stanford University, on spatial history and other lines of research encompassed by the digital humanities label. The discussion touches on the new digital methods of research like historical GIS, distant reading, and social network analysis, which are becoming more common among humanists. It also questions the possibilities and limits of such tools. Finally, it presents a brief discussion on the institutional and financial resources needed for implementing those new research technologies.

Keywords: Spatial History – Digital Humanities – Social Networks – Distant Reading.

Desde 2007 o *Spatial History Project* (Projeto de História Espacial - <http://www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/index.php>) da Universidade

* Zephyr Frank é Mestre em História pela Universidade da Califórnia em Los Angeles, Doutor em História Pela Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. É também Professor Associado de História Latino-Americana na Universidade Stanford, Diretor do Spatial History Project, do Center for Spatial and Textual Analysis e do Urban Studies Program, todos na Universidade Stanford - Department of History, 450 Serra Mall, Building 200, Stanford University, Stanford, California, United States - 94305. E-mail: zfrank@stanford.edu. Website: <http://www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/index.php>

** Mestre em História pela Universidade Stanford e Doutorando em História da América Latina pela Universidade Stanford – Department of History, 450 Serra Mall, Building 200, Stanford University, Stanford, California, United States - 94305. Bolsista do Department of History, Stanford University. E-mail: fssf@stanford.edu. Website: <http://fredericofreitas.org>

Stanford tem sido um dos principais espaços de pesquisa no campo da *Spatial History*. O projeto possui um laboratório no campus de Stanford onde a cada ano, diversos estudantes de graduação, pós-graduandos, professores e *post-docs*, desenvolvem projetos de pesquisa histórica que levam em conta o espaço como uma dimensão crucial para o entendimento de fenômenos do passado. A recente criação do *Center for Spatial and Textual Analysis* - CESTA (Centro de Análise Espacial e Textual) pela direção da universidade agrupou grandes projetos de pesquisa na área das humanidades digitais sob o mesmo guarda-chuva institucional, que inclui além do *Spatial History Project*, o *Literary Lab* (<http://litlab.stanford.edu/>) e o *Humanities + Design* (<http://hdlab.stanford.edu/>). Conversamos com Zephyr Frank, diretor do *Spatial History Project* e do CESTA sobre seu envolvimento com a pesquisa em *Spatial History* e humanidades digitais.

Frederico Freitas: Como e quando surgiu seu interesse pelo espaço enquanto categoria de análise histórica?

Zephyr Frank: Creio que na graduação. Na época eu estudava na Universidade do Colorado onde havia um jovem professor, Steven A. Epstein, muito inteligente e carismático. Em um curso que ele deu sobre Europa medieval e moderna tivemos que ler Fernand Braudel. Ler os dois volumes do *Mediterrâneo* do Braudel era um desafio para os alunos de graduação, especialmente em uma universidade considerada mediana nos Estados Unidos como é a Universidade do Colorado. O livro causou um impacto muito grande em mim. Escrevi um trabalho sobre a expansão e contração dos impérios europeus no século XVI o qual, lendo hoje em dia, me faz perceber a ingenuidade do meu pensamento histórico aos 18 anos de idade. Era um trabalho com um argumento muito mecânico: X de população vezes Y de área significava que um império ou qualquer outra unidade política era forçado a se expandir territorialmente. Utilizei alguns dados quantitativos e usei um pouco também do Braudel. Ao corrigir esse trabalho o professor Epstein percebeu que eu, além de ter lido os dois volumes do Braudel, estava interessado na aula e tinha vocação para a disciplina da história. Ganhei uma boa nota e ele veio falar comigo, me incentivar, dizendo que eu tinha capacidade de fazer algo bom na área. Eu acho que a partir dessa época comecei a pensar em seguir carreira na história e acredito que foi uma boa iniciação à questão do espaço na história. Depois, claro, eu aprendi muito sobre a questão na pós-graduação, trabalhando

com meu orientador, Joseph L. Love, em sua pesquisa pessoal, principalmente em seu segundo livro sobre São Paulo. Infelizmente o livro recebeu um título infeliz em português — *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira* — mas o livro mesmo é um ótimo exemplo de pesquisa histórica com foco em questões geográficas. Na minha própria tese de doutorado tentei, e, sem falsa modéstia, consegui avançar em alguns aspectos a questão do espaço na história do Mato Grosso. Portanto esse meu interesse pelo espaço é um interesse de longa duração e estou aprofundando e desenvolvendo esse interesse ainda hoje.

Frederico Freitas: Então quando você terminou seu doutorado e começou a trabalhar na Universidade Stanford, onde você está atualmente, você começou a escrever o seu livro Entre Ricos e Pobres, sobre o Rio de Janeiro...

Zephyr Frank: Esse livro foi escrito por acaso. Há muito pouca reflexão sobre o espaço nesse livro, apenas algumas observações superficiais sobre o espaço interior das moradias ou sobre a distribuição de homens livres dentro do espaço da cidade por paróquias. Coisas desse tipo. Não há mapas ou análises do espaço da maneira que venho desenvolvendo nos projetos mais recentes.

Frederico Freitas: Após terminar esse livro você retomou a questão do espaço?

Zephyr Frank: Para falar a verdade o livro surgiu de um caso específico, o caso de Antonio José Dutra, que a minha amiga Silvana Jeha descobriu enquanto participava da minha pesquisa sobre a distribuição de riqueza na cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Ela me mostrou o caso do Dutra e decidi usá-lo como um exemplo do universo de riqueza econômica urbana que investigava na época. Escrevi o livro no meio do caminho da pesquisa que estava desenvolvendo, pesquisa esta que prosseguiu após a publicação do livro. O meu interesse no espaço e em como entender o papel do espaço na cidade, principalmente nas questões econômicas, era algo constante durante toda aquela época. Esse meu primeiro livro foi um pequeno estudo de caso que, apesar de ter sido colocado dentro de um contexto bastante elaborado, não era o objetivo principal da minha pesquisa à época de sua publicação nos Estados Unidos em 2004. O projeto maior e mais abrangente era sobre o espaço e riqueza no Rio de Janeiro no século XIX.

Frederico Freitas: Em sua pesquisa sobre o Rio de Janeiro no XIX, o que você conseguiu descobrir ou entender utilizando-se desse enfoque espacial sobre a realidade da cidade que você provavelmente não teria descoberto de outra maneira?

Zephyr Frank: Existem pelo menos dois caminhos que podem ser tomados na utilização das informações sobre o espaço para escrever a história. Um é trilhado por aqueles que buscam ampliar a história. O outro é aquele escolhido pelos que pretendem escrever uma nova história. Geralmente, a maioria das pessoas que pensa o espaço como uma ferramenta para estudar a história pretende ampliar, ou entender melhor, histórias já conhecidas. Com o enfoque espacial elas buscam aprofundar tanto o entendimento do contexto quanto a descoberta de mais informações a respeito da realidade histórica em questão. Eu mesmo já fiz isso. Por exemplo, ninguém tem que se voltar para as ferramentas das humanidades digitais ou construir um SIG histórico do Rio de Janeiro para descobrir que a Rua do Ouvidor era um local importante para o comércio e cultura daquela época. Mas ao saber mais sobre a região no entorno daquela rua, amplia-se o conhecimento e fornece-se contexto para uma história já conhecida. Você sabe disso... Existem livros sobre a Rua do Ouvidor, poemas, crônicas etc. Mas geralmente estas histórias ou crônicas não vão colocar o espaço da rua dentro do contexto geográfico da cidade, que é formado, no caso, pelas outras ruas nos arredores. Portanto, eu acho que se pode aprender muito ao utilizar-se o espaço para contextualização, ampliando-se o conhecimento sobre um determinado lugar e uma determinada história que já existe. Isso tem valor. Contudo, se o historiador fizer apenas isso os outros vão dizer, “muito bom, obrigado, você só está ampliando, dando contexto...” Mas no final das contas esse historiador não está realmente mudando a maneira como se pensa determinado lugar, determinado processo.

O outro caminho que os historiadores podem escolher é aquele que passa pela escrita de uma nova história, o que é uma tarefa complicada e uma forma de pesquisa que não podemos dizer que tenhamos dominado ainda. Acredito que as ciências sociais e as disciplinas imbuídas de hipóteses a serem testadas e que trabalham com métodos quantitativos possuem mais experiência e capacidade de fazer esse tipo de pesquisa. Isso porque os pesquisadores de tais disciplinas podem juntar os dados sobre o espaço, fazer uma análise quantitativa e construir uma hipótese para explicar a relação entre variáveis. Contudo, nós historiadores não temos essa linguagem, não fazemos história desse modo, pelo menos não na maioria das vezes. Claro que existem as exceções e há uma tradição de

história econômica que trabalha nessa linha, mas a minha formação não é essa. Mesmo assim, tenho tentado desenvolver a capacidade de fazer pesquisa utilizando esses dados sobre espaço. Dados que são quantitativos, exatos, pois são dados georreferenciados — o que significa que são dados que possuem um lugar específico no espaço. Esta maneira de pesquisa pode nos ajudar a perceber novos padrões, novos processos que não perceberíamos utilizando as fontes tradicionais da história: fontes narrativas, governamentais, judiciais etc. Colocar os dados no espaço e fazer análises de padrões, processos, movimentos dentro do espaço urbano — e aqui eu tenho em mente meu estudo sobre o Rio — possibilita a oportunidade de aprendermos coisas que não saberíamos de outra maneira. As fontes tradicionais não dizem, por exemplo, onde mora exatamente determinado tipo de pessoa; não dizem que em determinada rua havia uma mistura específica de tipos sociais morando e trabalhando no mesmo espaço. As fontes não disponibilizam essas informações de uma maneira transparente de modo que o historiador possa extraí-las utilizando suas ferramentas tradicionais. Contudo, ao localizar tais informações no espaço utilizando as técnicas de análise espacial, o historiador pode conectar espacialmente o que antes habitava âmbitos distintos. O historiador pode espacializar dados sobre as condições de vida das pessoas; sobre a sua vizinhança em seus lugares de trabalho e moradia; sobre o seu movimento através do tempo e espaço. Pode-se seguir os movimentos de pessoas durante determinado tempo e descobrir que, por exemplo, as pessoas moram em uma cidade mas não permanecem muito tempo em um mesmo lugar dentro dela, o que permite descobrir que não existe um equilíbrio estável na cidade onde pode-se dizer que a cidade é desse ou daquele jeito. Através dessas ferramentas percebe-se que as pessoas estão se deslocando, às vezes até desaparecendo do registro histórico e do espaço, e muita coisa está acontecendo dentro do espaço. Em suma, existe movimento e também proximidade. E proximidade é uma maneira de entender as ligações entre as pessoas e as ligações entre espaços. Por exemplo, no Rio havia a Rua do Ouvidor, que era a principal rua de comércio da cidade no século XIX. Havia também outras na região com diferentes padrões de ocupação. Entre essas ruas havia um espaço, às vezes pequeno, mas muitas vezes, considerável, que era compartilhado entre um e outro lado. Isso significa que existem ligações que não percebemos se pensarmos apenas em informações isoladas do espaço, dados sem lugar, sem vizinhança, sem essas ligações que aparecem nesse tipo de pesquisa. Não sei se isso está claro...

Frederico Freitas: Não, está sim. Eu acho que isso faz sentido, mas vamos tentar dar um exemplo para isso. Tenho duas perguntas. Fala-se hoje em dia, principalmente nos Estados Unidos, de uma mudança de paradigma, um “spatial turn” ou giro espacial nas humanidades, da mesma maneira que há vinte anos atrás se falava de um giro cultural. Na história, por exemplo, o professor Richard White¹ e outros historiadores apresentam a “spatial history” (história espacial) como uma nova área, ou uma nova maneira de se escrever e pesquisar história. Portanto, a minha primeira pergunta é: você acha que essa nova área da história encaixa-se melhor em certas vertentes já existentes na história? Por exemplo, você veio de uma tradição de história social. Você acha que incorporar o espaço como dimensão dentro da pesquisa história é algo que, digamos, combina melhor com a história social? Ou é algo que pode ser adotado por outras vertentes da história e que, portanto, todos devem ter em mente que o espaço é um fator e uma dimensão a ser levada em conta? A minha outra pergunta segue um pouco essa linha. Que tipo de trabalho clássico da historiografia brasileira você acredita que seria beneficiado se recebesse uma releitura, ou uma pesquisa adicional, usando o espaço como categoria de análise?

Zephyr Frank: Bom, eu não acho que o espaço seja útil somente para a história social. Existe pelo menos uma outra vertente da história que também combina com o “spatial turn”: a história cultural. Muitos dos conceitos e ideias sobre o espaço que estamos utilizando hoje em dia vêm de disciplinas interpretativas e culturais, como a antropologia e a sociologia cultural. Alguns exemplos desse tipo de trabalho podemos encontrar nas obras de Pierre Bourdieu e Michel de Certeau. Além disso, há também a geografia cultural marxista, com pensadores como David Harvey e outros que pensam o espaço de uma maneira crítica, como o próprio Milton Santos. Existem muitos pensadores que têm desenvolvido ideias sobre o espaço que são importantes para a história cultural. Na história cultural, como na história social, um problema recorrente é a falta de critério na utilização do conceito do espaço. Muitos estudiosos evocam o espaço apenas devido à moda do “spatial turn”. O espaço é uma palavra poderosa, que por um lado abre caminhos para pesquisa e expande os horizontes intelectuais, mas que por outro lado é uma palavra que pode gerar o vácuo, uma falta de compreensão. O espaço é um conceito com o qual muitos

¹ Richard White é professor catedrático em História do Oeste Americano na Universidade Stanford e foi o primeiro diretor do Stanford University Spatial History Project.

se encantam e ao qual muitos recorrem, porém muitas vezes sem substância ou, pior ainda, com uma certa promiscuidade e sem rigor. Isso já ocorreu até no meu próprio trabalho, em momentos nos quais utilizei o espaço de três, quatro maneiras diferentes no mesmo argumento, e sem nunca sequer explicar como esses diferentes conceitos de espaço relacionam-se entre si. Isto é um problema. Claro que espaço é um conceito muito importante não somente para a história social, mas também para a história cultural, econômica e provavelmente outras vertentes também. Porém existe esse problema da utilização do conceito sem muito critério ou de uma maneira que não gera conhecimento — só gera poeira. Acho que isso é normal, porque o mundo acadêmico, as vezes, como a sociedade fora dele, é um espaço onde seus integrantes têm que buscar conhecimento, distinção, e o uso dos conceitos e palavras têm essa função também. E eu acho que o espaço é muito mais importante do que o “spatial turn”. O que permanecerá depois que a moda passar serão os métodos de análise e os conceitos que estamos desenvolvendo nesse tipo de trabalho. Mas o que todos nós estamos fazendo é metade moda, metade substância. As vezes a balança pende um pouco mais para um lado ou outro, dependendo do caso. Respondendo a outra parte da sua questão, eu acho que uma obra que se beneficiaria de uma dimensão espacial é o grande livro da Kátia Mattoso *Bahia: século XIX*. Este é um livro cheio de informações sobre cada detalhe da vida na cidade e naquela região (Salvador) — política, trabalho, família, casamento, vida, morte. Contudo, a leitura do livro não permite compreender o espaço da cidade, não pelo menos de uma maneira nítida. O espaço da cidade não aparece no livro. É claro que há referências a isso e a autora sabe tudo sobre o espaço da cidade, mas isso não aparece de forma clara. Esse é um livro que eu amo, é um dos livros mais importantes para a minha formação enquanto historiador daquela época, trabalhando na mesma linha, mas em outra cidade. Eu estou tentando fazer mais ou menos algo similar ao que ela fez. E acho que seria super interessante fazer uma pesquisa utilizando os dados colhidos por ela para fazer uma história do espaço da cidade. Acho que parte desse material está presente na tese dela escrito na França “Au Nouveau Monde: une province d’un nouvel empire: Bahia au XIX siècle.”

Frederico Freitas: Que tipo de ferramentas estão disponíveis ao historiador interessado em pesquisar a história pela dimensão espacial? Indo um pouco além, que outras ferramentas digitais estão sendo utilizadas pelos historiadores e cientistas humanos que

levam a pesquisa a outras searas que não são necessariamente espaciais? Quais destas ferramentas você vêm utilizando na sua pesquisa?

Zephyr Frank: Quando as pessoas pensam em história espacial elas pensam em SIG - Sistemas de Informação Geográfica. Aqui em Stanford, usamos um programa de SIG chamado ArcGIS. Este programa vem sendo utilizado bastante no Brasil há muitos anos, principalmente na área das ciências exatas, planejamento urbano e campos afins. O SIG fornece ferramentas para medir distâncias, localizar dados no espaço utilizando um sistema de representação projetada no planeta terra, analisar redes sociais dentro do espaço, medir rotas (p. ex. determinar o caminho mais curto entre dois lugares) e estudar o ambiente. Se o pesquisador quer entender o relevo, solo, vegetação, hidrografia etc., existe dentro do SIG a possibilidade de se construir camadas onde o pesquisador pode entender a relação entre essas diferentes variáveis “naturais” e outras mais “humanas”: tipo de produção, densidade demográfica etc. Historiadores podem utilizar o sistema para fazer análises de uma maneira geográfica e técnica para entender o ambiente utilizando o espaço e dados geográficos e ambientais. Além disso, historiadores podem alimentar o sistema e seus bancos de dados com as informações obtidas através dos arquivos e fontes históricas. Portanto, o sistema disponibiliza ferramentas para transformar dados históricos em dados espaciais. O SIG do ArcGIS funciona como o Windows. Ele é baseado em um GUI (Graphical User Interface), uma interface gráfica de janelas. Portanto o usuário do ArcGIS não precisa aprender programação para utilizá-lo. Ainda assim, é um programa bastante complexo que demanda do usuário um certo tempo em treinamento e estudo para a utilização de suas ferramentas. Em termos de aprendizado e operação é relativamente acessível — historiadores, as vezes ao lado de um técnico especializado em SIG, em geral conseguem utilizá-lo para, pelo menos, fazer alguns testes e experimentos com os dados históricos.

Frederico Freitas: Quais os riscos para os historiadores na utilização do SIG? É possível que, ao utilizar o SIG, historiadores passem a acreditar que aquilo o que eles estão vendo é a verdade histórica, completa e acabada? A minha impressão é que nessa passagem da fonte primária para o ambiente virtual e geométrico do SIG historiadores podem atribuir uma exatidão à fonte a qual ela não possui. Existe um risco aí?

Zephyr Frank: Existe um grande risco. É claro que esse tipo de risco existe em qualquer maneira de se fazer história. Mas o problema aqui é que muitas vezes os dados fornecidos

pelas fontes primárias são incompletos, complexos e às vezes “enganosos”. Ou seja, os dados históricos muitas vezes não são completamente confiáveis ou então não possuem informações exatas sobre o espaço. As fontes podem dizer que algo aconteceu em um bairro, por exemplo, mas o historiador não sabe onde começa ou onde termina tal bairro. Existem muitas coisas na história que não possuem um limite espacial claro.

Frederico Freitas: Isso porque a maneira como as pessoas se relacionavam com o espaço no passado é diferente da maneira como elas se relacionam hoje em dia?

Zephyr Frank: Não necessariamente. O que estou querendo dizer é que existem espaços humanos que não possuem limites rígidos e que, portanto, são difíceis de serem transportados para um sistema como o SIG que requer exatidão. O que leva à sua questão anterior: existe um risco no momento em que os historiadores colocam os dados históricos no SIG. Muitas vezes eles o fazem apenas para ver dados históricos em um mapa, mas ao fazer isso eles podem estar atribuindo limites e localizações precisas que não existem realmente nas fontes primárias. Isso não é um problema grande para os historiadores que estão no começo da pesquisa e utilizam o sistema como uma forma de experimentar os dados e obter uma visão melhor de processos e padrões espaciais. Mas isso pode se tornar um problema com a publicação, pois representa-se dados históricos que não possuem lugares específicos como se assim os tivessem. Isso é um dos grandes riscos (há outros). O programa não foi feito para trabalhar com a ambiguidade, ele requer lugares fixos e precisos. Claro que podemos lidar com isso no pós-processamento. Pode-se exportar o mapa do programa SIG e utilizar outros programas de edição e processamento de imagens vetoriais, como o Adobe Illustrator, para representar a falta de exatidão e a ambiguidade. Mas o sistema SIG sozinho não fornece ferramentas para isso, pois não foi projetado para atender essas necessidades específicas de historiadores e outros cientistas humanos. Então temos que complementar com outras ferramentas, principalmente no momento da divulgação dos resultados visuais do trabalho. Uma maneira de se fazer isso é a geração, a partir do SIG, de diferentes superfícies nas quais as informações espaciais são representadas como mapas de gradiente, e não pontos, linhas ou polígonos. Isso é uma maneira de mostrar ambiguidade, pois o historiador define, através de cores e matizes, a intensidade da ocorrência em diferentes áreas da superfície e, através do gradiente, consegue definir uma fronteira imprecisa mas provável entre ocorrência e não-ocorrência.

Frederico Freitas: E em relação às outras ferramentas que você já utilizou ou ainda não utilizou? Hoje em dia, mesmo no Brasil, todos estão falando muito sobre humanidades digitais. Mas o que eu tenho visto, pelo menos lá no Brasil, é que para muitos as tais humanidades digitais se resumem a digitalização e disponibilização de fontes primárias e formas de educação a distância. Eu não vejo muito métodos de pesquisa sendo discutidos, lá no Brasil, como parte das humanidades digitais. Por isso eu gostaria que você falasse um pouco da sua experiência com esses métodos digitais além do SIG e da história espacial.

Zephyr Frank: Existem pesquisadores no Brasil que vêm utilizando o SIG, o que podemos considerar como algo na área de humanidades digitais. Aqui nos Estados Unidos foi mais ou menos o mesmo processo. Nos anos 80 começou-se a utilizar as novas técnicas de computação e a capacidade de computação que se amplia cada vez mais, e no começo foi similar: pegar os dados, criar bancos de dados, escanear os documentos históricos, criar arquivos digitais para pesquisa. Foi provavelmente nas letras e na análise literária que se começou a trabalhar com os dados de uma maneira mais sofisticada, identificando-se padrões dentro de um banco de dados sobre literatura. Começou-se a trabalhar com conceitos como a frequência das palavras, com “topic modeling”, com processamento de linguagem natural (PNL), que é um processo de análise que utiliza o computador para extrair informações gramáticas e semânticas. Isso possibilita o estudo de textos de uma maneira completamente diferente da maneira tradicional, que é a leitura do começo ao fim do texto.

Frederico Freitas: Esta seria a diferença entre o “close reading” tradicional e o “distant reading” (leitura à distância)?

Zephyr Frank: Pode ser. Claro que “distant reading” também trata de uma ideia de usar a computação para ler, não somente de maneira distanciada — ou seja, ler Hamlet através do computador e com o uso ferramentas estatísticas para análise de frequência de palavras, temas etc. —, mas também a ideia de ler muitas obras ao mesmo tempo, jogando tudo no mesmo *corpus* e utilizando o computador para analisar isso tudo. Em vez de ler mil livros você pode processar mil livros. No final você vai acabar lendo não os livros, mas os resultados da análise computacional. Voltando às humanidades digitais, eu acho que ela

surgiu primeiro, aqui nos Estados Unidos, na área das letras e nas ciências ligadas à ciência da computação e da linguística. No começo a disciplina história ficou um pouco para trás nessa área. Creio que isso se explica pelo fato de que, geralmente, as fontes que utilizamos na história são idiossincráticas. São fontes muitas vezes manuscritas ou fontes que se aplicam tópicos muito específicos. Mesmo quando escrevem sobre a sociedade em geral, historiadores acabam retrazendo a vida de pessoas, ou grupos de pessoas específicas, pessoas cujos documentos não dizem respeito a outros contextos. O processo de fazer pesquisa e escrever história não casa muito bem com essa ideia de pegar um grande banco de dados, processá-los para análise gramática e semântica e chegar a alguma conclusão a partir disso.

Frederico Freitas: Parece que na literatura existe essa ideia de corpus que junta uma categoria inteira de obras em um mesmo grupo, o qual pode ser analisado conjuntamente. Já na história não faz muito sentido analisar o mesmo tipo de fonte conjuntamente pois o interesse é em temas específicos e não em um gênero de material. Historiadores, em geral, não estão interessados em analisar todas as certidões de óbito do Brasil em um longo período pois não é esse o seu interesse. Eles estão interessados em conhecer os padrões de nascimento e morte na cidade do Rio de Janeiro, ou na província de Minas Gerais em um tempo determinado.

Zephyr Frank: Exatamente. E em geral historiadores juntam e analisam fontes primárias diversas, não somente de um tipo, mas de muitos tipos diferentes. Não faz sentido fazer uma leitura distante quando se utiliza fontes tão dispare e idiossincráticas. Os conceitos de verticalidade e horizontalidade nos ajudam a entender essa diferença. Por horizontalidade eu entendo a tentativa de se compreender muitos elementos ao mesmo tempo, provenientes de diversas fontes. Por isso eu acredito que muitas vezes a história não pode utilizar essas ferramentas, não da maneira como elas são utilizadas nas letras. É claro que existem exceções. Há fontes que a história pode analisar com as mesmas ferramentas da literatura, como a análise de discurso por exemplo. E essa é uma maneira na qual a história e as letras podem estabelecer um diálogo. Mas eu acho que a disciplina história está entrando no campo das humanidades digitais como história, de uma maneira idiossincrática. Eu não vejo uma linha dominante, um consenso, sobre essa questão de como a história pode utilizar essas ferramentas para avançar. Existem várias maneiras de se apropriar dessas

ferramentas. Aqui em Stanford e em outros centros existem grupos de historiadores que estão experimentando uma grande variedade de linhas de pesquisa e ferramentas. Por um lado existe a história espacial e o uso do SIG. E aqui podemos dizer que a história está utilizando o SIG e o espaço de uma maneira mais intensiva do que as letras. Os acadêmicos das letras descobriram a importância do espaço apenas recentemente. O Franco Moretti, foi um pioneiro, já que vem trabalhando com conceitos espaciais na literatura faz tempo.¹ Ele trabalha com conceitos como centro, periferia. Não estou, dizendo que ninguém na literatura tem esse tipo de interesse no espaço, mas é um interesse que está crescendo, com algumas exceções, apenas recentemente, enquanto que historiadores têm se interessado pelo espaço há bastante tempo já. Por outro lado, a própria história, apesar dos seus métodos e propósitos distintos, tem se interessado cada vez mais nas técnicas de leitura à distância, buscando padrões e processos em grandes bancos de dados. Contudo, eu acho que ainda não existem resultados que podem ser apontados como pontos de referência.

Frederico Freitas: Você falou da história, quem tem essa afinidade com o SIG e o espaço e das letras, que têm afinidade com todas essas ferramentas de análise de texto, grandes corpus, análise semântica e leitura à distância. E as ferramentas da sociologia e da teoria de redes? Eu sei que você já utilizou essas ferramentas, metodologias e teorias no passado e gostaria que você falasse um pouco disso.

Zephyr Frank: Esse interesse na análise de redes sociais tem sido importante para uma linha dentro da história, aquela mais ligada à sociologia. Creio que a maioria dos historiadores até os anos 1990 trabalhava, de uma maneira ou de outra, em história social. História social tem uma ligação — e deve ter uma ligação ainda mais forte do que na realidade existe — com a sociologia e seus conceitos. Claro que também a antropologia e outras ciências sociais têm contribuído para o desenvolvimento desses métodos que as pessoas usam para analisar as redes sociais. Muitos conceitos relativos às redes sociais vêm sendo desenvolvidos por professores daqui de Stanford, como o Mark Granovetter, que é o sociólogo mais conhecido da nossa universidade que vem trabalhando nessa área. Ele desenvolveu uma teoria para análise de redes sociais utilizando conceitos como “embeddedness” [que pode ser traduzido como imersão, incrustação ou enraizamento], e “weak ties” (laços fracos). Ele tem um artigo famoso intitulado “The strength of Weak Ties” (a força dos laços fracos), no qual ele desenvolve uma teoria sobre a relação de

pessoas em uma rede social. Ela trata das ligações que parecem mais tênues em grupos sociais — aquelas ligações entre duas redes na qual apenas uma pessoa estabelece a ligação entre os dois grupos. O que ele afirma é que essa pessoa, às vezes, devido a essa posição, tem grande poder. Isso a despeito do fato de essa pessoa muitas vezes não ter muito destaque em um ou outro grupo. Portanto eu creio que através dessas ideias da sociologia e da teoria de redes os historiadores podem entender melhor a relação das pessoas em uma sociedade do passado. Porém eu creio que os historiadores têm se concentrado em demasia em redes sociais formadas pela elite social e política das sociedades: políticos, comerciantes, intelectuais. Não tenho visto muito, até hoje, bons trabalhos que foquem mais nos estratos intermediários ou mesmo no outro extremo social, em grupos de trabalhadores por exemplo. Eu acho também que as redes sociais têm um problema similar àquele que você apontou em relação à exatidão e o uso do SIG na história. É comum termos acesso a listas de pessoas que assumimos terem possuído alguma ligação entre si. Contudo, muitas vezes faltam provas substanciais que essas ligações tenham existido realmente, ou, quando existiram, não há informações sobre a qualidade dessas ligações. Em geral é só uma lista de nomes, o que nos leva a supor que essas pessoas talvez tivessem tido algum tipo de ligação. Eu fiz uma experiência mais ou menos nessa linha em um artigo que publiquei há um seis, sete anos atrás, “Layers, Flows and Intersections: Jeronymo José de Mello and Artisan Life in Rio de Janeiro, 1840s-1880s,” no *Journal of Social History*, onde tento imaginar as redes sociais de trabalhadores como latoeiros e açougueiros. Essas redes parecem ter uma realidade advinda da representação das relações sociais reconstruídas pelo pesquisadores. Isso tem um valor heurístico, pois nos permite perceber certas formas de relação a partir de suas posições dentro de uma rede. O problema é que muitas vezes estamos criando ligações entre pessoas sem saber a qualidade da ligação, estamos estabelecendo ligações sem qualquer conhecimento sobre a temporalidade — quando tais ligações começaram ou acabaram —, então acaba sendo uma reificação. Por um lado isto pode ter algum valor como uma forma de representar as ligações entre as pessoas no passado. As vezes isso pode ser melhor do que nada. Mas por outro lado ainda não tenho muita fé que esse tipo de negócio vá funcionar, nem mesmo em áreas nas quais tais procedimentos parecem prometer bons resultados. Vamos supor que um pesquisador queira entender as relações entre mercadores e compradores de escravos ou entre fornecedores de crédito e devedores. Seria muito interessante reconstruir as redes que conectam esses personagens históricos, ver que

tipo de pessoa que está no centro da rede (isto é, aquela que tem mais conexões), quem vai receber mais dinheiro, acesso melhor ao crédito etc. O problema é que essas redes estão incompletas, muito incompletas. Nós como historiadores sabemos que às vezes o tio do fulano, que não entra na rede construída a partir do nosso banco de dados, é a pessoa que pode explicar o acesso ou não de alguém ao crédito. Ou seja, as redes sociais são complexas e têm extensas ramificações e geralmente estamos trabalhando com fontes primárias que, além de serem incompletas, falham em capturar toda a informação de um rico universo de conexões entre pessoas. No melhor dos casos corremos o risco de identificar razões e de entender as relações interpessoais de uma forma aproximada e no pior dos casos de uma maneira completamente enganosa. Eu gosto das representações de rede, mas ainda acho que não temos muitos resultados, pelo menos na área de história, que sirvam para nós historiadores. O caso da sociologia é diferente: eles têm outras questões, estão trabalhando com outras fontes e estão tentando explicar outros problemas. Mas para a história é mais complicado.

Frederico Freitas: Fale um pouco sobre sua pesquisa atual, o que você está fazendo? Você está terminando um livro, não?

Zephyr Frank: Estou terminando um livro, que se chamará *Reading Rio de Janeiro*. É um livro sobre literatura e sociedade no Rio do século XIX. Eu cheguei a uma versão mais ou menos final do texto e agora estou revisando. A pesquisa se realizou em duas partes. A primeira, que levou por volta de dez anos, foi a pesquisa sobre a história social da cidade. Foi um grande trabalho de levantar dados, criar bancos de dados, leitura de livros sobre a cidade neste período etc. No fim eu cheguei à conclusão de que valeria a pena também escrever sobre literatura. Então há uns quatro anos comecei o processo de pesquisa e leitura de literatura. Eu já era bastante familiarizado com o tema, sempre gostei de ler literatura brasileira, mas nos últimos quatro anos isso se tornou um processo mais sistematizado. Por fim, acabei escrevendo mais sobre literatura do que história. Agora que estou revisando o texto, decidi que vou colocar mais do meu trabalho de história social no livro. Agora que o livro está mais ou menos completo eu posso colocar o que fiz em história intercalado com o trabalho em literatura. Em vez de colocar história e literatura juntas na mesma medida eu estou querendo uma divisão de 20 por cento de história para 80 por cento de literatura. Acho que isso pode também servir de exemplo para um tipo de trabalho em humanidades

digitais. Eu também estou tentando entender padrões dentro da literatura através de uma leitura distante. Eu uso, por exemplo, muitas peças teatrais escritas no século XIX e analiso a linguagem das personagens e como elas se comportam. Por exemplo, uma pessoa rica se expressa de maneira diferente do que uma pessoa pobre, ou das classes intermediárias. Estou terminando a fase final desse projeto. Quero colocar mais informações históricas, alguns mapas e análise espacial. Existe um capítulo sobre os problemas da prática espacial onde utilizo ideias do Bourdieu, Certeau e Lefebvre — esses autores franceses que escrevem sobre o espaço de uma maneira que acho interessante. Mas esse é um estudo de práticas espaciais sem muitos mapas, é mais um estudo interpretativo e cultural em vez de um mapeamento. Além disso, estou também fazendo uma pesquisa sobre demografia em Minas Gerais no século XVIII junto à colegas da Universidade Federal de Minas Gerais, e esse projeto também tem mais de dez anos de desenvolvimento. Estamos tentando concluí-lo com alguns livros sobre o assunto, talvez até no fim do ano que vem. Este também é um projeto que utiliza bastante computação, é um estudo demográfico e quantitativo que trata de um período de mais de um século, na *longue durée*. Eu utilizo dados de arquivos paroquiais — óbitos, casamentos, batismos, livros notariais, etc. Mais ou menos tudo que nós conseguimos achar estamos colocando em um grande banco de dados e fazendo análises a partir disso. Pretendemos entender processos econômicos, demográficos, sociais, culturais ao longo do tempo. Estamos estudando tópicos como os nomes dos escravos, o processo de integração de escravos com a população livre, a história das famílias através das gerações — as vezes pegamos cinco ou seis gerações e analisamos o que aconteceu nas várias ramificações dessas famílias. Muitas dessas famílias tem uma parte branca, pelo menos socialmente branca. Outras partes da família são compostas por pessoas livres de cor. Muitas vezes ambos os lados da família possuem escravos, mas o lado “branco” possui muitos escravos enquanto que o lado “de cor” possui poucos, o que sinaliza também a distinção que a posse dá a cada parte da família.

Frederico Freitas: É interessante você ter citado as diferentes gerações de uma mesma família. Voltando um pouco ao assunto das redes sociais e da sociologia, às vezes eu tenho a impressão de que esse tipo de análise se foca muito em uma dimensão horizontal — as redes construídas em um mesmo momento no tempo. A pesquisa transgeracional que você citou assemelha-se mais a uma árvore na qual percebe-se a evolução e a

ramificação de uma família e das condições sociais através do tempo. Mudando um pouco de assunto, eu gostaria que você falasse um pouco sobre o que é o CESTA, como surgiu, que tipo de estrutura vocês têm aqui. Você acha que esse é um modelo a ser reproduzido em outros lugares?

Zephyr Frank: Eu creio que a história de como o centro se constituiu não serve de roteiro para outros que queiram fazer algo parecido. Anos atrás o professor Richard White recebeu uma bolsa da Fundação Mellon em reconhecimento à sua carreira acadêmica para o estabelecimento de um projeto de pesquisa. Qualquer projeto que ele quisesse. Na época ele estava pensando muito sobre o espaço como conceito na história e ele achou por bem utilizar os recursos disponibilizados pela bolsa na fundação e desenvolvimento do *Spatial History Project*. Desse modo, desde o início, o projeto teve uma situação financeira que possibilitou desenvolver o laboratório nas linhas que ainda estamos explorando hoje em dia. Sempre houve muito espaço para experimentação e flexibilidade. Eu acho que mesmo sendo um exemplo difícil de reproduzir para aqueles que não podem garantir o mesmo nível de recursos, a maneira na qual trabalhamos pode ser um exemplo para outros projetos. Existem pelo menos duas maneiras nas quais o nosso centro pode servir de exemplo. A primeira é o espaço. Aqui temos um espaço colaborativo onde as pessoas podem se juntar para trabalhar em projetos de uma maneira similar àquela que ocorre nas ciências exatas e biológicas, como um laboratório. Por que isso é importante? Isso é importante porque, desde o começo desta entrevista, temos falado de pesquisas que necessitam de conhecimento e capacidade técnica diversa, que encontramos em diferentes pessoas. Não existe ninguém que domine todas essas técnicas, e nem vale à pena. É melhor compartilhar e colaborar. Portanto, é preciso haver pessoas com conhecimento e técnicas que se complementem. Por exemplo, em um trabalho de SIG histórico, é necessário haver o historiador, que conheça as fontes primárias que tem questões históricas relevantes, mas também faz-se necessária a existência de uma pessoa que entenda de banco de dados, ou de outra pessoa com conhecimento de cartografia, se a criação de mapas é importante, etc. Essa ideia de trabalhar em grupos e juntar pessoas em um ambiente colaborativo é uma das grandes contribuições do nosso laboratório para outros projetos. Tradicionalmente a pesquisa do historiador é uma atividade solitária. Historiadores geralmente trabalham sozinhos em bibliotecas, arquivos ou em seus escritórios. Aqui estamos trabalhando todos juntos, em um mesmo espaço, colaborando e utilizando o conhecimento de várias pessoas

para avançar. Isso é algo que os outros podem reproduzir sem muitos recursos. É só questão de achar as pessoas e interessá-las no projeto. Creio que isso já está acontecendo em vários lugares. A outra coisa que acho importante, pelo menos para nós aqui, é que estamos também tentando ensinar, e não apenas fazer pesquisa. Temos estudantes de graduação que estão aprendendo como pesquisar, como trabalhar como um historiador ou pesquisador de literatura. Eles aprendem a prática de pesquisa, mexendo com fontes primárias e aprendendo como lidar com a tecnologia de pesquisa. Isso pode ser um bom exemplo para outros projetos de pesquisa, pois eu acho que às vezes existe uma distinção muito grande entre pesquisa e ensino, pelo menos nas humanidades. Aqui, talvez, as humanidades digitais possibilitam trazer essas duas facetas da atividade acadêmica para um espaço onde pode-se fazer ambos ao mesmo tempo. Aqui temos tido muito sucesso com esse modelo. As vezes os alunos vêm já com alguma capacidade técnica, as vezes chegam sem saber nada e aprendem no decorrer dos projetos. De qualquer forma, os alunos trazem ideias que têm grande valor. Além disso, trazem energia, criatividade. Desenvolvem sua própria capacidade ao contribuir para o projeto. Seria enganoso dizer que esse processo é superficial; se um pesquisador quer apenas fazer pesquisa e publicar artigos, talvez esse modelo não sirva. Mas se ele quer uma mistura entre pesquisa e ensino, eu acho que as humanidades digitais e esse modelo de colaboração e projetos em grupo serve muito bem para tais propósitos. É importante também reconhecer que, em geral, as universidades valorizam muito o ensino, e se podemos mostrar resultados, não somente na área de pesquisa, mas na área de ensino, isso facilita o processo de negociação com as autoridades acadêmicas e a capacidade de negociar por recursos. Por fim, temos que reconhecer que o que funciona bem aqui é a mistura de disciplinas. Podemos usar o conceito de humanidades digitais para gerar espaço de colaboração entre disciplinas diversas. Aqui no CESTA trabalhamos com história, letras, ciências políticas, até biologia. Têm muita gente que percebe o valor da interdisciplinaridade. Em vez de criar um centro só para história ou letras, estamos aqui criando algo que, mesmo respeitando as questões, limites e parâmetros de cada disciplina, proporciona a colaboração entre várias disciplinas. É exatamente isso que aconteceu comigo. Eu estava trabalhando na minha própria pesquisa em história social do Rio de Janeiro no século XIX quando comecei a trabalhar com o Literary Lab e lidar com literatura e letras. O tipo de conversa que eu tive com eles desencadeou a minha

pesquisa atual e agora estou no processo de finalização do meu livro. Esse tipo de colaboração é muito fértil.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *Distinction*. Cambridge, Mass., EUA: Harvard University Press, 1984.
- BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- CERTEAU, Michel de. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley, Califórnia, EUA: University of California Press, 1984.
- FRANK, Zephyr Lake. *Entre ricos e pobres: o mundo de Antônio José Dutra no Rio de Janeiro oitocentista*. Tradução de Célia Lynn Goodwin e Elizabeth Maria Braathen. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFGM, 2012.
- _____. Layers, Flows and Intersections: Jeronymo José de Mello and Artisan Life in Rio de Janeiro, 1840s-1880s. *Journal of Social History*, Fairfax [VA, EUA], vol. 41, fascículo 2, p. 307-328, inverno de 2007. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/jsh/summary/v041/41.2frank.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- _____. *The Brazilian Far West: Frontier Development in Mato Grosso, 1870-1937*. Tese de Doutorado, Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, 1999.
- GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. *Sociological Theory* 1 (1983): 201-233.
- HARVEY, David. *Paris: Capital of Modernity*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2003.
- LOVE, Joseph LeRoy. *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira, 1889-1937*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- LEFEBVRE, Henri, *The Production of Space*. Oxford, Reino Unido: Blackwell, 1991.
- MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX: Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MORETTI, Franco. *A Literatura Vista de Longe*. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.
- _____. *Atlas do Romance Europeu, 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- REBELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. *Desafios e Possibilidades do Uso de Sistemas de Informação Geográfica na História*. Paper apresentado no 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Maio de 2011. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=121&Itemid=63>. Acesso em: 20 dez. de 2013.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2002.
- WHITE, Richard. *Railroaded: The Transcontinentals and the Making of Modern America*. Nova Iorque: W.W. Norton & Co., 2011.
- _____. What is Spatial History? Stanford University Spatial History Project, Fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/group/spatialhistory/cgi-bin/site/pub.php?id=29>>. Acesso em: 20 dez. de 2013.

Notas

¹ Franco Moretti é professor catedrático de Inglês e Literatura Comparada e é o diretor do Literary Lab.

Entrevista recebida em 08/01/2014. Aprovada em 27/02/2014.